

A man in a dark suit, white shirt, and dark tie is shown from the chest up, looking slightly to the right. In the foreground, a woman with long dark hair is shown in profile, holding a sleeping baby. The background is dark with several large, light-colored roses. The overall mood is somber and dramatic.

MÁFIA
MASSARO 01

A menina
rejeitada
pela máfia

TAMI VENÂNCIO

MÁFIA
MASSARO 01

A menina
rejeitada
pela máfia

TAMI VENÂNCIO

TÍTULO — A menina rejeitada pela Máfia

AUTORA: TAMI VENÂNCIO

Revisão: Patrícia Suellen

Capa: CtrlDesigner

Diagramação: Grazi Fontes

Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora.

Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização dos autores.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

SUMÁRIO

[Sinopse](#)

[Dedicatória](#)

[Nota da autora](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Epílogo](#)

[Máfia Caccini](#)

[Agradecimentos](#)

Sinopse

O que você faria se fosse sequestrada no dia do seu casamento por uma máfia rival e descobrisse que o Don dela é idêntico ao seu irmão?

Mia Caccini é uma jovem de vinte anos, muito criticada pelas pessoas do seu círculo social por não agir como as outras damas. Cansada de ver a sua família sofrendo com as fofocas sobre ela, Mia toma uma decisão que mudará sua vida.

Ela decide se submeter a um matrimônio por dever, sem amor, e pior, com um homem que a despreza. No entanto, para a sua surpresa, no dia do casamento, antes de ela dizer sim, um ataque é causado pela máfia rival e durante o confronto, ela é levada por eles.

Vincenzo Massaro é um viúvo ganancioso e calculista. Ele comanda a máfia Massaro desde a morte do seu pai. Como filho mais velho, ele sempre foi o líder da sua família e o protetor de sua casa.

A máfia Massaro está à espera de uma oportunidade para se vingar da máfia Caccini há anos, mas tudo muda quando Vincenzo conhece uma jovem misteriosa e fascinante, que o deixa obcecado e disposto a tudo por ela.

E no meio desse jogo de vingança, obsessão e sedução, vários segredos sujos serão revelados.

Dedicatória

Dedico esse livro a todos meus leitores de máfia que sempre estão me acompanhando e apoiando minha carreira ♥

Nota da Autora

Este livro é o primeiro livro da máfia Massaro. Não é necessário ler nenhum livro de máfia anterior para entendê-lo. No entanto, alguns personagens presentes nesse livro pertencem a máfia Caccini, e caso queiram conhecer a história deles vocês podem.

Livro do Salvatore e Ambra: [SOB O PODER DO MAFIOSO](#)

Livro do Carmine e Lorenzo: [A ESPOSA REJEITADA PELO MAFIOSO](#)

Livro do Tommaso e Kiara: [SOB O DOMÍNIO DO MAFIOSO](#)

Livro Nicolo e Sienna: [APRISIONADA PELO MAFIOSO](#)



Mia

Diziam que o dia do casamento deveria ser o dia mais feliz da vida de uma mulher, mas esse não era o meu caso. E nunca seria.

Felicidade para mim era muito mais do que vestir um vestido branco e caminhar até o altar, passando em meio aos convidados que fingiam estar contentes por mim, mas que, na real, não davam a mínima para minha felicidade, já que a deles era construída em cima do meu fracasso.

Não estava sendo fácil para mim me casar com um homem que eu não tinha afinidade alguma, só por dever a *famiglia*. Esse dia estava sendo o meu pesadelo.

Foi uma luta até minha *mamma* conseguir me convencer a me casar com Geronimo Biachi, o filho primogênito de Massimo Biachi, o *Don* da máfia Biachi que era nossa aliada. Todo mundo falava que eu já deveria estar casada, pois tinha completado vinte anos. No entanto, eu não era o tipo de garota que atraía pretendentes, pelo contrário, os homens tendiam a correr de um compromisso comigo. Ninguém queria ter uma esposa que tinha como hobby favorito lutar e atirar, muito menos que não fizesse o tipo de mulher que seria submissa a eles. Minha *famiglia* não era tão antiquada, mas o machismo e preconceito contra o diferente sempre existiria, em qualquer lugar do mundo.

Meu noivo, Geronimo, pensava como os outros homens da sociedade em que cresci. Ele não me queria como esposa e deixou isso bem claro quando conversou comigo em nosso jantar de noivado. Lembrava-me bem das suas palavras arrogantes e cheias de julgamento.

— *Por que você não é igual as outras mulheres, Mia? Olhe para elas, todas estão bem arrumadas e vestidas elegantemente, enquanto você está usando essa calça ridícula. Você quer me fazer passar vergonha na frente de todos, não quer? Se for isso, saiba que já tenho vergonha suficiente por saber que terei uma esposa como você!*

Suas palavras não me feriram, eu não me importava com o que o maldito pensava sobre mim. Do mesmo jeito que não lhe agradava a minha forma de se vestir, eu também não gostava nem um pouco de sua personalidade arrogante. E nunca iria mudar minhas vestimentas, meus gostos e hábitos por homem nenhum no mundo.

Contudo, Geronimo precisava se casar comigo de qualquer forma, assim como eu era obrigada a engolir meu orgulho e deixar de lado meus planos, meus anseios, para me submeter a isso, a uma união por obrigação. Apesar de nos detestarmos, tínhamos motivos idênticos para estarmos no altar: a nossa *famiglia*, nosso dever.

— Mia Simone Caccini, você aceita Geronimo Biachi como seu legítimo esposo? — Deixei meus pensamentos de lado ao escutar a pergunta do padre. Tentei abrir a boca para responder, mas não conseguia encontrar minha voz.

Se eu dissesse sim, nunca mais poderia voltar atrás na minha decisão. Estaria presa ao bunda-mole do meu noivo durante o resto da minha vida.

Olhei para minha *mamma* e meu *fratello* que me fitavam à espera de minha resposta. Eu vi o medo estampado nos olhos de minha *mamma*, porque ela sabia que eu era bem capaz de dizer um não, em contrapartida, ficaria ainda mais malfalada e julgada do que eu já era pelas pessoas.

Respirei fundo, absorvendo o silêncio profundo e constrangedor de todos na igreja. Não podia dar esse desgosto à minha *famiglia*, por isso olhei para o padre pronta para dizer *sim*.

Entretanto, antes que a palavra saísse da minha boca, a porta da igreja explodiu, assustando a todos presentes na igreja. Gritos ecoavam por todo o lugar. Fiquei sem entender nada do que estava acontecendo, só me abaixei junto ao meu noivo quando ouvimos o barulho estrondoso ecoar.

Estávamos sendo atacados!

— O que está acontecendo! — Geronimo gritou, enraivecido, enquanto eu olhava em volta, em choque ao ver o fogo se alastrar pela decoração do casamento. As pétalas brancas das rosas queimavam.

Para piorar tudo, surgiram vários homens de preto, todos com os rostos cobertos. Eles começaram a atirar nas pessoas, transformando o meu casamento em uma zona de guerra. Fiquei furiosa por não estar com minha arma naquele momento, ou seja, estava sem defesa alguma.

Nossos soldados começaram a guerrear contra os invasores, enquanto os convidados tentavam sair da igreja e se proteger.

— Vem comigo, Mia! — Geronimo segurou meu braço e tentou me puxar para algum canto, na tentativa de me proteger. Mas soltei meu braço bruscamente do seu aperto.

— Não preciso da sua proteção! — bradei, sentindo minhas narinas inflarem. — Vou ajudar minha *mamma*!

Saí de perto dele e fui ao encontro de minha *mamma*. Ela estava sentada no chão, atrás de um móvel. Eu estava pronta para levá-la para algum canto mais seguro quando senti um tiro acertar a minha perna, fazendo-me cair de joelhos no chão.

Minha mãe me assistiu ser baleada. Ela gritava em pânico e chorava. Procurei por Salvatore com o olhar, porque sabia que ele poderia me ajudar naquele momento, mas ele estava distante, trocando tiros com os malditos invasores, enquanto Ambra, sua esposa, já tinha sido levada para algum local seguro.

Toquei o local do meu ferimento depois de estar caída sobre o chão. A dor que sentia era tanta que eu gemia alto. A bala tinha ficado alojada na perna, eu conseguia senti-la dentro da minha carne.

Minha visão começou a ficar turva e muitas cenas da minha vida passaram de relance através de meus olhos.

Quando estava prestes a desmaiar, vi um homem mascarado entrar em meu campo de visão. Ele me pegou em seus braços e me levou dali. Eu sequer tinha forças para impedi-lo de me levar.

Não consegui ver mais nada depois disso, já que em seguida minha mente

se apagou.



Acordei sobressaltada, sentindo minha pele suada e uma sensação crescente de queimação corporal. Assombrei-me ao notar que estava em um quarto estranho, em um lugar que desconhecia. Gemi de dor ao me sentar na cama, pois minha perna latejava de dor. O tiro tinha atingido minha coxa. Droga.

Olhei para a janela de vidro que ia do chão ao teto e deixava em evidência a vista de uma cidade que não conhecia.

— Que lugar é esse — perguntei a mim mesma e, em seguida, tentei me levantar da cama, só que não consegui sequer mover a perna para fora dela. Eu estava sentindo muita dor.

— Fique onde está, *ragazza*. Não tente sair dessa cama! — um homem ordenou, entrando feito uma fera no quarto. Nem tinha notado que a porta do cômodo estava escancarada. Porra.

Virei meu rosto em direção ao homem que tinha uma voz parecida com a de alguém que conhecia. Seu tom era autoritário e imponente. Assim que meus olhos pousaram em seu rosto o assombro tomou conta de mim.

— Salvatore... — sussurrei o nome de meu irmão, inclinando minha cabeça para o lado. Meu estômago se contorceu.

— Não, eu sou o Vincenzo — o homem me corrigiu, olhando-me como se eu fosse louca.

E realmente parecia que eu havia enlouquecido de fato.

Estava em um universo paralelo onde um dos raptores tinha a mesma face que o meu irmão.

Só que, com certeza, não era Salvatore, muito menos *confiável*.



Vincenzo

— Me deixem passar! *Sborra*[\[1\]](#). Eu tenho o direito de acompanhar o parto da minha esposa — vociferei, tentando passar pelos meus irmãos que não estavam me permitindo ver o nascimento da minha filha.

— Você sabe que isso não é permitido, Vincenzo. Deixe que as parteiras cuidem de Celestina — Luca falou, entrando em minha frente. — Fique calmo, *fratello*, vai dar tudo certo. Acho melhor você se acalmar e tomar algo, tenho certeza de que uma bebida forte certamente irá acalmá-lo.

Estava a ponto de explodir em um ataque de nervos. Bufei furioso, saindo

de perto do meu *fratello* para pegar meu copo com uísque em cima da mesa de centro. Virei o líquido inteiro do copo em um só gole que desceu queimando por minha garganta.

— Detesto esses malditos costumes. Eu deveria ter levado Celestina a um hospital e não a deixado aos cuidados de uma parteira — cuspi, furioso.

— Todas as mulheres da nossa família pariram assim, *figlio*. Sua esposa conseguirá também — minha *mamma* disse, intrometendo-se na discussão entre mim e meus irmãos.

— Isso é uma besteira, os tempos mudaram! — argumentei, transtornado pela raiva.

— Não para nós. Não para nossa *famiglia* — ela rebateu, destilando veneno com o olhar. — Eu tenho certeza de que Celestina vai...

Ela não conseguiu completar o que iria dizer porque um barulho de choro vindo do quarto preencheu o ambiente, deixando todos alegres e aliviados.

— É o choro da bebê. Ela nasceu, *figlio*. Serena nasceu! — anunciou minha mãe, meus irmãos começaram a vir até mim a fim de me parabenizar.

— Parabéns, *fratello*. Agora você é um *padre*. Um homem de família — exclamou Enrico.

— Viu, eu disse que Celestina conseguiria. Não precisava dessa sua aflição toda — Luca falou.

Senti como se um peso tivesse deixado minhas costas. Minha primogênita tinha nascido. Eu finalmente era pai.

— Quero ver minha filha — decretei sem esperar contradições. — E não adianta tentarem me impedir de entrar na porra do quarto outra vez.

— Claro que não vamos tentar impedi-lo. Pode ir em frente, *fratello* — foi Enrico quem respondeu.

Estava preparado para ir até o quarto onde Celestina e minha filha estavam, quando vi surgir na sala uma das ajudantes da parteira, seu semblante denotava desespero. Seus olhos estavam esbugalhados e o rosto em pânico.

— Senhor Massaro... — ela pronunciou, olhando-nos aflita.

— O que houve com minha mulher e filha? — exigi saber, sentindo uma pressão estranha no peito. Um misto de sentimentos angustiantes me tomou. — Fale, já!

— Sua filha nasceu saudável, senhor Massaro — a menina respondeu,

inclinando a cabeça para baixo, amedrontada e tímida. — Mas sua esposa...

— O que tem Celestina? — inquiri, prevendo o pior.

— Ela teve uma hemorragia assim que a Selena nasceu, as parteiras não conseguiram conter, e ela acabou tendo um choque hipovolêmico. Sinto muito, senhor Massaro, mas... — a menina fez uma pausa e voltou a olhar em meus olhos —, Celestina morreu.

Todos nos surpreendemos com a notícia da morte de Celestina. Eu demorei aceitar que aquilo era verdade, que minha esposa tinha morrido ao dar à luz a nossa filha.

Senti o peso da culpa me esmagar. Fechei os olhos espremendo meu copo com bebida e, em seguida, atirei-o contra a parede.

— Se acalme, Vincenzo, ao menos sua *figlia* está bem e saudável. — Minha mãe tocou meu ombro, tentando me acalmar, no entanto, tirei bruscamente sua mão de mim. Dispensava o consolo e pena das pessoas.

Saí dali, deixando-os sozinhos. Fui até o quarto onde Celestina deu à luz a Serena. Ao chegar nele, me deparei com Celestina estirada sobre cama ensanguentada sem vida. A parteira estava com Serena nos braços, assim que notou minha presença seus olhos demonstraram martírio, depois andou até mim, em seguida me entregou Serena.

— Aqui está sua filha, senhor Massaro. Sinto muito pelo que aconteceu, sua esposa foi uma lutadora, mas não conseguiu resistir a uma hemorragia.

Não a respondi, só peguei minha filha nos braços. Conferi pela primeira vez o rosto da minha menina, encantado com sua beleza. Serena parecia um anjo de tão linda que era. Seu rosto era doce e angelical, seus traços eram bem parecidos com os meus.

Beije sua testa, sentindo um amor crescer em meu peito, junto com um forte instinto de proteção.

— Minha *figlia*. Agora seremos só nós dois. Eu sempre irei cuidar de você, sempre.



1 ano depois.

— Nosso último ataque ao carregamento dos Caccini foi um fracasso. Há muito tempo que não conseguimos ter uma brecha que nos dê a chance de uma

vingança contra eles. Ao longo dos anos, temos provocado diversos ataques sem deixar eles saberem quem somos e o motivo de fazermos isso. Não suporto mais vê-los vivendo tranquilamente depois de ter destruído os nossos aliados Ferraro. Temos que aniquilá-los logo para que eles não façam o mesmo conosco — pronunciei de pé, andando de um lado para o outro, em frente da mesa da sala de reunião com os *capos*.

— Acontece, Vincenzo, que eles sabem que estão sendo alvos, por isso aumentaram suas defesas. Mesmo que não façam ideia de que máfia estão os atacando, era óbvio que não ficariam de guarda baixa. Por isso temos que ser cautelosos, meu conselho é que paremos de atacá-los por um tempo, até que eles se distraiam, pois assim pegaremos todos desprevenidos e nossa vingança será feita — Enrico, meu irmão e *consigliere*, aconselhou.

— Certo. Já que não estamos conseguindo alcançar nosso objetivo, vamos fazer como Enrico aconselhou. Vamos comer pelas beiradas, esperar o momento certo para nos vingar desses malditos Caccini.

— Quando eles menos esperarem, estarão a sete palmos da terra. Cada um deles — falou Luca. — Enquanto isso vamos lucrar e aumentar nosso poder. Eu quero ver cargas partindo para diversos países semanalmente. Não quero nenhuma entrega atrasada.

— Luca tem razão — falei. — Cadê a porra do nosso contador que não está aqui? Onde está Marco?

Coloquei a mão sobre a mesa, olhando para cada um em busca de uma resposta.

— Ele achou que não precisaríamos dele na reunião de hoje — explicou Enrico.

— Quando eu marcar uma reunião eu quero todos presentes. Espero que isso não volte acontecer, ou cabeças vão rolar — ameacei, furioso. — Avise Marco que quero estar por dentro de tudo, dos lucros e perdas que tivermos.

— Pode deixar, *Don*, o avisaremos.

Assenti prontamente e, então, resolvi dar um fim à reunião.

— Por hoje é só, pessoal. Podem voltar às suas funções.

Todos eles deixaram a sala, menos Luca. Ele ficou sentado me observando de braços curvados.

— O que você quer, Luca? Eu disse podem ir — questionei, estressado, e ele continuou me olhando sem fazer um movimento sequer.

— Eu preciso falar com você, irmão. Será que pode parar de marra e me

ouvir por uns minutos?

Ele usou seu tom de ironia que me dava nos nervos. Bufeí, puxando a cadeira, e me sentei em seguida para escutá-lo.

— Diga logo o que quer, Luca. Não estou em um bom dia. Minha filha está em uma fase difícil, tendo cólicas e febre. Não quero demorar muito aqui na empresa.

— Tudo bem, eu serei rápido, Vincenzo — falou Luca. — Eu não quero tomar muito do seu tempo e desejo melhoras para a minha sobrinha. No entanto, preciso saber se você vai ou não para Siracusa comigo amanhã. O senador espera por nossa presença em seu leilão beneficente.

— Leilão beneficente? — Sorri cinicamente, passando a mão pela minha barba. — Ele não se cansa de roubar dinheiro das pessoas bondosas e tolas?

— Enquanto estiverem enchendo seu bolso, ele nunca se cansará — rebateu Luca, também rindo. — Se formos ao engenho, teremos boa parte no lucro arrecadado. É sempre bom manter os negócios em dia com o senador Costa.

— Sei disso, por esse motivo eu irei com você amanhã a esse evento, mesmo sem estar com a mínima vontade de deixar minha filha sozinha.

Luca assentiu e se levantou da cadeira.

— Ótimo. Não se preocupe com Serena, será uma viagem de bate e volta — respondeu. — Me conte como estão as coisas na sua casa. Qualquer dia vou passar lá para tomarmos uma bebida após o jantar.

— Está tudo normal. Estou pensando em aumentar minhas terras, tem muito o que fazer por lá.

— Nossa mãe ainda tem te atormentado sobre matrimônio? Ela ainda está tentando fazer com que você se case com Alessia?

— Infelizmente, nossa mãe não vai desistir tão cedo do sonho em me ver casado novamente, e claro, com uma mulher que ela escolher. — Sorri friamente, conferindo as horas no relógio. — Mas não estou disposto a me casar outra vez, pelo menos não com Alessia. Sua voz me irrita tanto quanto sua timidez.

Luca gargalhou em deboche.

— Não acha a moça nem atraente?

— Não — respondi de pronto. — Agora já chega de conversa. Você já teve seu tempo. Preciso ir para casa ver como Serena está.

Voltei a me levantar da cadeira. Conferi minha gravata e terno para ver se

estavam no lugar.

— Ok. Se vemos amanhã então. Espero que Serena melhore logo — disse Luca.

— Sim, nos vemos!

Despedi-me do meu irmão e fui para casa. Eu não conseguia me concentrar em nada sabendo que minha filha não estava bem.



Na manhã seguinte, Luca e eu pegamos o jato para Siracusa. Tínhamos que chegar poucas horas antes do evento beneficente. Tive que deixar minha filha aos cuidados de sua babá, porém, ficava a monitorando pelas câmeras a todo momento. Também seria avisado caso sua febre piorasse, por enquanto a febre estava controlada e Serena bem melhor do que no dia anterior.

Ao chegarmos em Siracusa, o motorista que contratamos já estava à nossa espera com o carro. Eu, meus irmãos e outros membros da *famiglia* tínhamos seguranças e motoristas à nossa disposição sempre. Não podíamos andar livremente sem proteção nunca.

Fomos levados para o hotel, para podermos comer, tomar um banho e nos arrumar para o evento dessa noite.

Às 21h fomos para o evento. Ao chegarmos, fomos recepcionados muito bem pelo senador Costa e outros conhecidos.

— Vincenzo meu amigo. Que bom revê-lo finalmente. Você está bem sumido — disse Costa, tocando meu ombro.

— Eu ando meio sem tempo para frequentar eventos, por isso andamos nos desencontrando. Fico feliz em revê-lo, Costa — respondi, cordialmente. — Meu irmão teve que insistir muito para que eu viesse ao seu evento.

— Você nem imagina o quanto — resmungou Luca, revirando os olhos, e Costa riu.

— Bem, que bom que no fim vocês dois puderam vir. Espero que aproveitem o evento. Garanto que será divertido — Costa falou, animadamente.

— Imagino que sim — respondi ao avistar uma mulher ao longe de vestido branco de cetim e cabelo loiro. Ela estava sorrindo e conversando com alguns convidados. Passei o olhar pelo seu corpo, já a escolhendo como companhia no final da minha noite. — Pretendo me divertir e me distrair bastante essa noite.

Estou precisando.

— Pelo visto já escolheu seu alvo dessa noite, senhor Massaro — comentou Costa, olhando para a mesma mulher que eu estava contemplando segundos antes. — Eu conheço aquela dama. Você deu sorte, ela é solteira.

— Ótimo — falei, abrindo um sorriso despojado. — Mas caso fosse comprometida, não seria nenhum problema para mim.

Meu irmão e Costa riram ao escutar minha resposta.

— Bem, só está faltando eu escolher meu alvo da noite, já que meu irmão foi rápido em escolher o dele — Luca falou e pegou uma taça com vinho que o garçom o serviu, fiz o mesmo.

Após um tempo, fomos nos sentar à mesa, porque o leilão iria começar. Beberiquei meu drink enquanto observava o anfitrião falar suas palavras, para dar início ao leilão.

A mulher que tinha avistado quando cheguei ao evento se sentou à mesa ao lado da nossa em uma cadeira que ficava de frente para a minha. Ela reparou que eu não tirava os olhos de cima dela, então sorriu e fixou sua atenção em mim. Ergui a taça de vinho, retribuindo o sorriso, e sorvi um gole da bebida em seguida. Ela disfarçou o olhar, meio sem jeito, voltando a conversar com seus amigos.

Eu nunca tive um tipo específico de mulher na vida. Sempre saí com as que me chamavam atenção de imediato. Por ser um chefe de uma máfia italiana e bilionário, sempre conseguia tudo que eu desejava, inclusive mulheres.

Após a morte de Celestina, retomei minha vida de solteiro. Em menos de dois meses, já estava fodendo outras bocetas. Afinal, precisava aliviar a mente depois do que aconteceu. O sexo para mim era uma forma de distração e de aliviar a tensão. Mulheres para mim eram isso, um passatempo, algo que eu precisava ter para suprir meus desejos carnis, que eram muitos e peculiares.

Quando me casei com Celestina foi difícil me acostumar com a vida de casado, e o fato de ser de apenas uma mulher. Não podia mentir, eu sentia, sim, vontade de ficar com outras. Não me orgulhava disso.

Celestina era linda, loira e atraente, só que nunca foi o suficiente para mim. Eu não a amava, nunca cheguei a sentir paixão por ela, só nos casamos por termos sido prometidos um para o outro desde o nascimento. Após sua morte, só me sobrou o sentimento de gratidão por ela, afinal, seria eternamente grato por ela ter me dado minha filha. Serena era a pessoa que mais amava no mundo. Minha menina.

Eu tinha me tornado *Don* doze anos atrás. Quando tinha só trinta e um anos, meu pai faleceu por conta de um câncer no fígado. Como filho mais velho de

Alberto Massaro, eu tinha a responsabilidade e peso de um império nas costas. Tinha o dever de proteger minha família, de ser um bom líder e tornar nosso poder maior do que já era, então assim o fiz.

Nós, os Massaro, não éramos uma máfia conhecida, simplesmente porque preferíamos nos manter assim. Quanto menos pessoas soubesse de nós, menos inimigos teríamos. Vivíamos na Sicília, na Catânia. Todos da máfia moravam próximos em um local escondido da cidade. A mansão que se tornou minha após a morte do meu *papá* ficava escondida na floresta. Tinha um enorme espaço de terra, nem eu sabia o tamanho certo da minha propriedade. Por conta disso, resolvi criar cavalos, produzir frutas, legumes e queijos como forma de disfarce. Por enquanto tudo estava funcionando bem, sem problemas muito grandes.

— Olhe aquela *ragazza* que acaba de chegar. Ela é uma Caccini — Luca comentou, apontando com queixo na direção de uma mulher. Confuso, segui a direção do seu olhar e me deparei com uma mulher de cabelo preto longo, magníficos olhos azuis que destacavam seu olhar de longe. Senti minha pulsação disparar e me empertiguei no assento ao passar os olhos pelo seu corpo. Ela estava usando uma calça justa, preta com uma blusa branca com decote V que valorizava seus seios. — Ela está usando calça. Que tipo de mulher usa calça em um evento como esse.

Meu irmão pareceu indignado pelo fato da mulher usar calça ao invés de uma roupa mais elegante e feminina. Já eu me senti fascinado.

A mulher estava na companhia de outra que eu não conhecia. Elas conversavam de uma forma descontraída e, em seguida, se sentaram à mesa.

Tentei desviar o olhar da moça, mas não conseguia. Era como se seus olhos azuis me puxassem novamente para eles, como ímã. Ela não tinha me visto, mas eu a tinha, e mais, me vi obcecado pela *ragazza* e seus trejeitos. A forma que ela sorria, sem se importar com os julgamentos que as pessoas faziam ao notar os trajes que ela vestia me deixou intrigado. Ela não era como as outras mulheres que se importavam com a opinião da sociedade. Era diferente de todas que já conheci.

— Agora lembrei de onde a vi. Nosso investigador já tinha mostrado uma foto dela para uma vez. Seu nome é Mia Caccini. Ela está noiva e se casará em breve.

Noiva. A mulher que despertou meu fascínio, como há muito tempo nenhuma mulher conseguia, estava noiva.

Isso era um bom sinal para que eu deixasse de lado a minha curiosidade repentina sobre ela.

Eu nunca, em hipótese alguma, poderia me encantar por uma Caccini.

Ainda mais uma que já era prometida a outro homem.



Mia

1 mês antes do casamento

— Essa boate é perfeita para a minha festa de despedida de solteira! — falei, animada, após conhecer a boate que pensava em alugar em Siracusa.

— Eu também achei o ambiente incrível. As meninas vão adorar a ideia e o bom que Siracusa fica próxima à nossa cidade, então não vão achar ruim por serem convidadas em cima da hora — disse Giulia, ao tirar os óculos de sol e colocar na parte de cima da cabeça. — Podíamos já falar com o proprietário, para combinar de fechar o clube só para nós e nossos seguranças.

— Sim, vamos fazer isso logo. Se for para casar por obrigação, que eu

tenha antes pelo menos uma boa despedida de solteira.

Giulia riu, entrelaçando seu braço no meu ao sairmos do clube.

— Você não está nem um pouco animada com o seu casamento, não é mesmo? Não acha Geronimo bonito?

Sua pergunta me fez querer revirar os olhos, porque não era só a beleza de um homem que contava para mim. Para me conquistar, realmente, a pessoa tinha que ser bem mais do que um rosto e corpo charmoso.

Geronimo era sim bonito, alto e tinha um corpo bacana. No entanto, ele me tratava de uma forma desprezível, fora que não sentíamos sequer atração um pelo outro. A verdade era que nunca senti na vida atração verdadeira por nenhum homem. Eu passava meus dias focada em treinar com meu irmão, que me ensinou a lutar e a atirar desde menina. Casamento nunca foi meu sonho, mas sabia que um dia ou outro teria que sucumbir ao matrimônio.

Quando minha mãe começou a me pressionar para que eu me casasse com Geronimo, meu irmão e sua esposa ficaram contra ela. Eles queriam que eu me casasse por amor. No entanto, quando acabei cedendo o pedido de minha *mamma*, eles também não disseram nada, até porque sempre respeitaram minhas decisões.

— Eu acho ele bonito, mas convenhamos, não é, Giulia. Se só a beleza importasse, você já estaria casada hoje em dia, dado o tanto de pretendentes lindos que pediram sua mão — a lembrei, ela mordiscou o lábio inferior e fez uma careta desgostosa.

— Nem me lembre disso. Você tem noção que já tenho quase vinte e cinco anos, mas ainda não consigo me imaginar casada. Ainda bem que meu irmão nunca me pressionou a nada, até porque Kiara nunca iria permitir que ele fizesse isso — Giulia respondeu.

Giulia era irmã do *Don* da máfia Caccini. Ela foi criada por Tommasso e sua esposa Kiara. Minha melhor amiga tinha vinte e quatro anos. Tínhamos nos conhecido por conta dos eventos familiares e acabamos nos tornando amigas.

Giulia era muito linda. Tinha um incrível cabelo marrom-escuro, olhos amendoados, pele clara e um rosto afinado, pequeno e angelical. Seu corpo era magro, definido por conta dos exercícios físicos, assim como o meu. Diferente de mim, Giulia se vestia muito bem e era vista com bons olhos perante a sociedade.

— Você tem sorte de poder decidir. Nem imagino o quanto vai ser horrível aturar a companhia degradante de Geronimo após nosso casamento. Não gosto nem de imaginar que vou me entregar para aquele idiota — resmunguei, sentindo meu estômago se revirar.

— Você pode cortar seu pescoço antes do casamento. Eu cortaria se fosse você — ela debochou, fazendo-me gargalhar.

— Estou quase considerando essa possibilidade. Acho que na lua de mel terá uma grande chance de eu vomitar por cima de Geronimo.

Coloquei o dedo na língua e fiz sinal de ânsia.

— Isso seria cômico. Imagino a reação daquele panaca. O que Geronimo tem de bonito, tem de chato — Giulia resmungou. — Mas vamos parar de falar sobre seu noivo, porque estou tentando manter minha opinião sobre seu casamento só para mim. Já basta você própria odiar esse noivado, não quero foder mais ainda com sua cabeça.

— Sim, por favor. Vamos esquecer que estou noiva por hoje? Pode ser?

— Claro — respondeu Giulia e, então, parou de andar, soltou meu braço e entrou na minha frente. — Sabe que recebi um convite para um evento beneficente do pai de Mariano, um dos homens que tem me cortejado ultimamente. Será um evento bem prestigiado, pois o pai de Mariano é um senador.

— Legal, Giulia. Você vai?

— Estou pensando em ir sim, só que eu gostaria que você me acompanhasse.

Respirei fundo, passando a mão pelo meu cabelo.

— Você sabe que não gosto desse tipo de evento. As pessoas ficam me olhando de um jeito estranho e...

— Elas te olham assim porque você ultimamente tem usado calças ou roupas desproporcionais para esse tipo de ocasião. Duvido que se você se vestisse de maneira adequada te olhariam de forma estranha — Giulia me cortou. Bufei ficando irritada.

— Para mim não tem essa de forma adequada de se vestir. O adequado é vestir aquilo que te faz se sentir bem, consigo mesma, e não o que os outros acham certo — retruquei, enraivecida. — Já basta minha mãe tentar me convencer a usar essas roupas todas cheias de frescura. Fala sério.

Giulia suspirou pesadamente.

— Você mudou muito, Mia, porque na infância e adolescência você não se importava em usar vestidos e saias — ela lembrou.

— Acontece que eu não me importo mesmo, contanto que eu me sinta bem com a roupa. Hoje em dia eu prefiro esse meu estilo mais diferente, desproporcional. Eu gosto de me vestir assim e não vou mudá-lo, exceto se for da minha vontade.

— Então vista o que quiser hoje, mas pelo amor de Deus, venha comigo ao evento!

Ela insistiu, juntando as mãos, e me olhou com olhar pidão. Eu ri frustrada.

— Tem certeza de que quer que eu vá? Sério mesmo?

Arqueei a sobancelha, cruzando os braços. Giulia me fitou brava.

— Se eu não quisesse, não pediria para ir. Para de ser chata, Mia, você é minha melhor amiga, não pode me deixar sozinha jogada aos leões.

Gargalhei, porque Giulia sempre tendia a exagerar para conseguir o que desejava.

— Tudo bem, eu vou ir contigo. — Acabei fazendo a vontade dela, só ouvi o grito eufórico dela. — O que eu não faço por minha melhor amiga, hein?

Ela abraçou minha cintura enquanto andávamos.

— Ah, valeu, amiga, por isso eu te adoro. Vai ser maneiro, eu te garanto.

— Espero que sim — murmurei.



Como sempre as pessoas ficaram surpresas ao verem a roupa que optei por usar no evento beneficente, entretanto, tentei não me importar com os olhares julgadores sobre mim. Giulia e eu nos sentamos à mesa para assistirmos ao leilão. Confesso que esse tipo de evento sempre me dava sono e me deixava entediada. Não via a hora de ir embora, para o hotel ou outro lugar que fosse mais divertido.

Giulia e eu durante a tarde nos dedicamos a enviar os convites para a festa de despedida de solteira via e-mail para as nossas amigas. A festa aconteceria amanhã, e eu pretendia me divertir muito com as minhas amigas.

Assim que o leilão terminou, a festa começou. A pista de dança foi liberada e o evento começou a ficar um pouco divertido. Tomei alguns drinks com Giulia, enquanto conversávamos com alguns conhecidos que encontramos no evento por acaso. As horas passaram, por isso comecei a ficar cansada e um tanto entediada, chamei Giulia para irmos embora, mas ela queria ficar mais um pouco.

— Você pode ficar, amiga, mas para mim essa festa já deu! — falei para Giulia. — Nos encontramos depois no quarto de hotel.

— Está bem. Você vai com nosso motorista e depois pede para ele vir me

buscar — ela responde. — Desculpa por não ir com você.

— Tranquilo, Giulia, curte aí! — Toquei seu ombro e me despedi dela com um beijo na bochecha. — Qualquer coisa me liga.

— Pode deixar!

Ela piscou para mim, voltando a conversar com Mariano.

Saí do evento e fui até o carro onde o motorista me esperava. Entrei no carro e ele me levou para o hotel. Durante o percurso, fiquei observando a cidade pela janela do carro. Estava começando a sentir sono, esse era o efeito que o vinho tinha sobre mim, primeiro me deixava animada e depois, sonolenta.

— Senhorita *Caccini*, tem um carro suspeito nos seguindo — o motorista falou, fazendo-me entrar em estado de alerta. Tentei olhar pelo vidro de trás que carro era, mas não conseguia ver. — Talvez seja impressão minha, mas a BMW preta está seguindo a mesma rota que a nossa desde a saída do evento.

— Que estranho. Será que é bom mudarmos a rota? — inquiri, preocupada.

— Não dá mais tempo, já estamos quase na frente do hotel. Pode ter sido só impressão minha, senhorita.

— De qualquer jeito, é bom alertar os soldados e o hotel sobre isso — ordenei. — Os malditos que têm nos atacado podem saber que eu e Giulia viemos para cá.

— Sim, claro. Alertarei a todos — o motorista respondeu.

O nosso carro parou em frente ao hotel, e eu fiquei observando o outro carro preto que nos seguia passar em frente ao nosso. Peguei meu celular para tentar tirar foto da placa do carro, mas antes que eu conseguisse, a pessoa que dirigia o automóvel aumentou a velocidade.

Gemi frustrada, resolvi deixar isso de lado e entrar no hotel. Giulia e eu tínhamos que ficar espertas depois disso. Nossos inimigos podiam estar mais perto do que imaginávamos.



No dia seguinte, à noite, eu me produzi para minha festa de despedida de solteira. Coloquei um short de couro preto e uma blusa fina, branca e transparente. Por cima da blusa coloquei um top preto. Nos pés, calcei uma bota de couro, meu cabelo mantive solto e ondulado nas pontas.

Minha maquiagem escolhi fazê-la bem marcante, optei por um delineado preto em cima do olho. Como meus cílios eram volumosos, só passei rímel, ao invés de colocar cílios postiços e finalizei com um batom vermelho nos lábios.

— Puta merda, Mia, você está linda de parar o trânsito — Giulia falou, impressionada. Ela também estava muito linda, usando sua saia branca e blusa preta brilhante. Seu cabelo estava solto, assim como o meu, mas o dela estava inteiramente liso. Sua maquiagem era leve e combinava perfeitamente com seu visual.

Ela balançou o cabelo em frente ao espelho.

— Você quer dizer que nós duas estamos lindas de parar o trânsito, né? Porque olhe só para você, que gata! — elogiei, parando ao seu lado em frente ao espelho. — Vamos tirar uma foto?

— Vamos! — Giulia tirou seu celular da bolsa, colocou na câmera e tiramos algumas fotos antes de irmos para a festa.

— As meninas já estão lá? — perguntei, referindo-me as dez amigas que convidei.

— Algumas já chegaram sim. Só estão nos esperando.

— Então vamos lá. Estou pressentindo que essa noite será bastante divertida.

Nós deixamos o hotel e fomos até a boate que reservamos só para a festa de despedida de solteira. Meu irmão arcou com todos os custos da festa, sem se importar com o valor.

Ao chegarmos lá, os nossos seguranças nos acompanharam até dentro do clube. Além deles, também tinham vários seguranças que já trabalhavam para o proprietário.

Giulia e eu fomos cumprimentar nossas amigas. Elas trouxeram presentes para mim, peças íntimas e brinquedos, porque eu tinha deixado explícito no convite que além de festa de despedida de solteira, também seria um chá de lingerie.

— Você vai ter que experimentar todas as lingerie que trouxemos, Mia! — uma das minhas amigas disse. — E abrir todos os brinquedos íntimos também.

Eu ri animada.

— Tudo bem, vai ser divertido. Mas antes preciso encher a cara para tomar coragem! — respondi, fazendo sinal para o barman que já sabia o que eu queria.

Tinha mandado colocar cadeiras perto do palco do clube, porque assim as

meninas poderiam se sentar para ver a prova de lingerie. Depois de algum tempo, nós já estávamos bem animadas graças ao álcool e a música.

Digamos que eu tinha um fraco para bebida. Eu adorava qualquer coisa com vodca, no entanto, sempre acabava ficando bêbada rápido.

— Meninas, vamos nos sentar que agora a Mia vai abrir os presentes e provar as lingerie — Giulia cantarolou, animada, alertando as meninas que comeram a rir, elas estavam visivelmente bêbadas.

— Beleza, gente. Vamos começar a abrir primeiro os presentes com itens íntimos — decretei e fui em direção ao palco. Sentei-me em seguida na cadeira que colocaram para mim.

— Abre primeiro o meu — pediu Giulia, toda ansiosa. Assenti e peguei o pacote, embrulhado com presente.

Quando o abri, deparei-me com um vibrador, algumas calcinhas de sabor e um estimulador de clitóris. Caramba, era a primeira vez que via pessoalmente esses itens sexuais. Corei de leve, mas mantive o sorriso no rosto.

— Espero que tenha gostado! — Giulia gritou e uma crise de riso se instalou no salão. Revirei os olhos e continuei abrindo os presentes, um por um até chegar ao último.

Acho que tinha ganhado, no mínimo, cinco vibradores. No entanto, o presente mais estranho que recebi era um pau de borracha. Meu rosto pegou fogo quando o vi dentro da caixa, nem tive coragem de mostrá-lo às meninas de tanta vergonha que fiquei.

— Pronto, gente. Já abri todos os presentes — falei, levantando-me da cadeira. — Muito obrigada a todas por terem entrado na brincadeira.

— De nada, amiga! — Dani gritou.

— Agora só falta experimentar as lingerie! — lembrou Giulia, e eu comecei a pensar se isso era uma boa ideia.

Olhei para os seguranças que estavam em seus postos, nenhum deles parecia prestar atenção em nós.

— Beleza, vamos acabar logo com isso — pronunciei, após pegar minha bebida e virar de uma vez para tomar coragem.

Giulia me ajudou a separar todas as lingerie que eu iria ter que provar. Eu tinha que me trocar no banheiro e voltar para o palco. A maioria das lingerie era muito sexy e transparente. Estava me sentindo meio envergonhada, porque nunca havia exibido meu corpo para ninguém dessa forma, no entanto, estava tão animada e com teor alcoólico alto, por isso nem pensei muito. Peguei uma

lingerie vermelha rendada que tinha uma meia que ia até o alto da coxa, escolhi-a para ser a primeira pessoa a ser experimentada.

— Vá lá, prove a lingerie e venha mostrar como ficou para nós — mandou Giulia e eu assenti.

Troquei-me no banheiro, tirando a roupa que estava e, em seguida, vesti a lingerie. Após vesti-la me olhei no espelho, vendo-me com a peça íntima e sexy. Senti-me muito bonita. Meu corpo estava exatamente como eu gostava. Minha barriga era definida, porque costumava malhar muito. Apesar de ter músculos, não tinha tanta massa muscular, meu físico era magro e minha altura mediana.

Saí do banheiro passando pelo salão à meia-luz e segui em direção ao palco. Subi nele escutando os assobios de minhas amigas e os risos incontroláveis. Elas pediam para que eu dançasse, mas minha vergonha não me permitiu ir tão longe, talvez não estivesse tão bêbada como deveria. Então resolvi provar a próxima lingerie.

Porém, quando estava pronta para sair do palco, ao longe, vi um dos seguranças olhando em minha direção com o olhar vidrado sob meu corpo. O clube estava escuro, à meia-luz, por isso não consegui ver bem seu rosto, mas pude notar seu olhar sobre mim, contemplando-me de uma forma que nenhum outro homem jamais tinha feito antes.

Quando ele percebeu que notei seu olhar, o homem se virou de costas para mim e saiu dali, sumindo do meu campo de visão, fiquei atordoada e com coração batendo afoito.



Vincenzo

— Nossos investigadores descobriram que Mia Caccini fará uma festa de despedida de solteira em um dos melhores clubes aqui de Siracusa — Luca me notificou, enquanto almoçávamos em um restaurante no dia seguinte do evento beneficente. — Só não entendi a razão que você quis colocar nossos investigadores atrás da menina. Está pretendendo fazer algo com ela? Tipo sequestrá-la para usá-la de alguma forma que atinja os malditos Caccinis?

— Meus planos para a *ragazza* só interessam a mim e a mais ninguém. Por ora, você foi muito eficiente, *fratello*. *Grazie!*

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A MENINA REJEITADA PELA MÁFIA : Livro..." e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).